

## Crónica 186 açores e independência 22/10/17

Imaginemos por um instante que os membros e simpatizantes da FLA ACA eram um movimento generalizado de largas camadas da sociedade açoriana abarcando gente de todas as idades, em todas as ilhas, como em tempos idos da História recente já o foram.

Imaginemos que se fartaram da exploração colonial que os poderes de Lisboa e seus representantes na colónia há séculos exercem sobre os locais.

Imaginemos que o atual modelo de autonomia controlada, centralizada em Lisboa, constantemente torpedeada, ultrapassada e ignorada pelos “superiores interesses da Nação” estava – de facto – esgotado.

Imaginemos que tínhamos uma população culta e letrada, em vez da pequena elite dominante agarrada a pequenas mordomias como é hoje o caso, com a vasta maioria da população mais interessada em manter privilégios de subsídios em vez de trabalho, vítima da conspiração consumista que a manietta.

Imaginemos que a deriva europeia e a rápida islamização do continente europeu estavam mais adiantadas e que a solidariedade para com o arquipélago se mantinha ao nível da esmola, enquanto o povo português (também ele ignorante e iletrado, mesmo que tenham canudos e se chamem doutores) continuava a pensar que devíamos largar os Açores e os açorianos que são uns chulos que só sugam as riquezas de Portugal.

Imaginado este cenário se tivéssemos um Jordi ou outro qualquer – mais ou menos populista – capaz de catapultar a turbamulta (a malta como o outro lhe chamava) e fazia um referendo, vocês acreditam por um só instante que não éramos calados pela força bruta da repressão militar?

Imaginado isto, voltemos à realidade. Temos uma população apática e abúlica, uns tantos saudosistas e outros mais novos, sonhadores, mas a menos que haja uma revolução de mentes cataclísmica, seremos uma pequena elite libertária, sem representação nem força popular, uma franja da sociedade que nem chega a ser incómoda para o poder instituído. O povo açoriano não reúne as condições de se emancipar enquanto continuar pobre, iletrado, subsidiodependente, conformado, desapegado de uma consciência cívica (a consciência nacional açoriana), a quem o fogacho independentista de alguns intelectuais, escritores e outros, pouco e nada diz. Infelizmente é isto que temos e não mudará nos meus dias, embora se a Terra ainda existir, eu acredite piamente que, um dia, em futuro afastado e longínquo, nos sublevaremos e libertaremos do jugo colonial de Lisboa (quando Belenenses tornar a ser campeão de futebol, por exemplo). Até lá continuemos a fazer o que não temos feito, educar as pessoas, alertá-las para esta escravatura silenciosa que as amolece e adormece, repetindo ciclos ancestrais de feudalismo encapotado, anestesiada pelas riquezas que o turismo vai trazendo sem se lembrar que basta a Ryanair ir à falência e o turismo morre....